

Na cidade : 3 mezes, 800 reis. Fora da cidade : com acrescimo das estampilhas. Anuncios : na primeira vez 20 reis por linha. Na repetição 10 rs.

O BRADO LIBERAL

Na typographia d'esta folha, rua Nova de Sousa, n.º 45.

Direcção jornalística, rua das Aguas, n.º 84.

SEMANARIO BRACARENSE ANTI-REACCIONARIO,

HABILITADO NA FORMA DA LEI.

PUBLICA-SE A'S SEXTAS FEIRAS.

NUMERO 41.

SEXTA FEIRA 12 DE MARÇO DE 1875.

ANNO I.

O BRADO LIBERAL.

Muita gente ha, que tem medo a palavras novas que não entende, ou que lhe não fazem entender : e prefere á profissão de principios benéficos um soffrimento real, cujo remedio teme por se lhe afignar energico de mais. A sua desculpa está na ignorancia. Para que essa desconfiança acabe, é preciso definir-lhe a palavra e precisar-lhe com cordura a idéa.

Por ahí ama-se geralmente a liberdade, que se não conhece, e se não sabe o que é, mas tem-se horror á egualdade e á fraternidade, que muito menos do que a liberdade se comprehende. Digamos pois algumas palavras sobre o ponto, para socego de alguns e illustração de muitos.

Quando as sociedades humanas vacillam pelos vicios da sua constituição degenerada, quando as usurpações, que constituem o privilegio e a espoliação, trazem a multidão faminta de pão e de justiça, não ha beneficio possível para a humanidade sem que se lhe applique o remedio da liberdade, cujo titulo primordial está escripto na consciencia do homem, cuja sanção existe na sua responsabilidade. A consciencia de si mesmo, alliada á noção do bem e do mal, é que faz do homem um ente livre e o distingue do irracional. O seu direito deriva da sua existencia. A liberdade constitutiva é n'elle immanente e permanente, conhecida mesmo desde o tempo de Moysés, e consagrada na tradição biblica de Adão, creado livre e responsável.

A liberdade é direito original, primévo e primeiro, anterior e superior. Sem ella nada pôde existir, nem egualdade, nem fraternidade, nem cidadão, nem povo, nem mesmo o homem.

A liberdade é a vida, a saude, a palavra primeira do symbolo social.

N'ella se contém o direito natural de desenvolver as faculdades e occorrer ás precisões, o que no homem livre, que é senhor de si mesmo e dispõe das suas forças, equivale a exercer todos os direitos e completar o seu destino. Só assim é que o homem pôde ser o equal de cada um e irmão de todos, não dependendo nem de espaço, nem de tempo, nem da necessidade, nem de coisas, nem de pessoas, mas simplesmente da própria vontade sujeita á responsabilidade : livre e soberano na vocação e na obra.

A liberdade é uma e indivisivel. Fraccional-a é uma mentira traiçoeira, que confessa o principio sem as consequências, que levanta sobre as ruínas da soberania individual a soberania collectiva ou da auctoridade.

O homem não é social para diminuir, mas para augmentar a sua liberdade. Chegando-se a seus semelhantes não se limita, apoia-se. A sociedade deve ser uma extensão e não uma restricção do individuo.

E se é tudo isto, que a auctoridade de repressiva e preventiva do direito, é uma aberração, uma anomalia e uma injuria. Haja sim a repressão do abuso, mas acabe a prevenção contra o exercicio.

Liberdade com responsabilidade é a pedra fundamental, primeira que se deve lavar para levantar sobre ella o edificio social, de modo que perdue, sem receio de que possa acontecer, como até hoje, ficar a humanidade sepultada debaixo de suas ruínas.

E' depois d'isto, que se segue o direito de justiça e da equidade, direito social, equilibrio dos individuos, principio d'ordem e d'unidade, egualdade, enfim, que vem em segundo logar porque nasce da liberdade, como a sociedade nasce do individuo.

Não só porque são simples, mas

sobretudo porque são diferentes, é que os homens são eguaes. São diferentes porque são solidarios. Solidarios porque são sociaes. Sociaes porque são homens ou seres relativos, membros d'um mesmo corpo, instrumentos d'um mesmo concerto, partes d'um mesmo todo. São diferentes porque precisam uns dos outros, porque bem longe de se limitarem, de se diminuir, de se annullarem, concatenam-se, completam-se, aperfeiçoam-se reciprocamente : porque por uma lei da natureza e da humanidade se entre-ajudam. E assim ficam uns, porque são diversos.

E' pois facil de distinguir que egualdade não é paridade. Os animaes são pares. Só os homens são eguaes. Os animaes podem viver sós, isolada e indifferentemente, porque necessidades e instinctos—tudo n'elles é invariavel e imperfectivel, quando os mais nobres apenas aspiram ao rebanho. Só o homem faz sociedade, que é coisa que nunca tem logar senão entre eguaes.

A harmonia nasce da differença—da unidade da variedade. Harmonia social, unidade, egualdade, derivam da propria differença das necessidades, das faculdades, e das obras individuaes. Tudo é entre estas adequado. As obras são proporcionadas ás faculdades, as faculdades ás necessidades.

Assim, para que haja justiça distributiva, ordem, equilibrio verdadeiro, egualdade racional, scientifica, perfeita entre os homens, é preciso que haja egualdade e não paridade de função, egualdade e não paridade de gozo. Egualdade pela diversidade.

Depois d'isso vem a fraternidade. Para que os homens sejam irmãos é indispensavel que pela doutrina e pelos factos sejam eguaes e livres. O sentimento fraternal, que é o vértice do triangulo, não pôde nascer no

constrangimento ou na inferioridade. A fraternidade é conclusão das duas premissas, liberdade e egualdade; chave da abobada do monumento, corba da obra; flamma do pharol; flôr e fructo da arvore da vida, da arvore immortal da liberdade, cujas raizes estão no ceo e os ramos estendidos por toda a terra.

Liberdade, egualdade e fraternidade, eis o symbolo philosophico da regeneração moderna, que ha de desarmar todos os que pela situação em que se collocaram, ou os collocaram; pela força e energia do braço ou do animo ou da intelligencia; tem querido ter nos favores do mundo quinhão mais farto que seus semelhantes: vindo d'ahi a converterem-se sempre ou em grandes tyrannos, ou em grandes salteadores, formulas diversas da mesma idéa. Se nas sociedades ainda incultas as manifestações brutaes contra a formula, que resolve o problema do progresso social, são mais visiveis, porque a cubica e rapacidade surgem em toda a sua hedionda nudez; nem porque os nossos tempos e instituições armam a mais policia; deixam os mesmos crimes e os mesmos vicios organicos de estar vivos e latentes. Os trajos da decencia e da honestidade, que vestem por disfarce, são sendal demasiado tenue para olhos experimentados.

Não cobrem susto os timoratos ou preocupados com as tres innocentes palavras que resumem a nova formula social. Expressam a verdade e a razão.

O que é facto, é que a humanidade com sua nimia confiança se deixou espoliar de direitos por natureza inalienaveis e insprescriptiveis. Força é que prudente desconfiança os reconquiste.

Esta é a doutrina.

O caminho é fazer triumphar o principio da liberdade em todas as suas consequências e applicações.

FOLHETIM.

PROCISSÕES DE BRAGA.

Continuação do n.º 39.

XIV.

Depois dos Carros da procissão, magestos como os acabamos de descrever, seguia-se o baile das Edades, vestidas todas muito ricamente.—Conduzia a estas figuras um Carro com sete castellos, rematado por uma esphera, tendo dentro d'ella a figura da Eternidade.

Juncto a este baile, caminhavam os confrades do Senhor, com opas e tochas accezas, formando duas alas brillhantes, cooadas com o andar de Sancta Maria Magdalena da Falperra.

Após este andar, seguia-se a Cruz do Cabido da sé primaz.—Os capitulares iam com tochas accezas, e entre elles a dança

dos Instrumentos, enchendo os ares com harmonias dulcissimas.

Seguiam-se contiguos quatro sacerdotes com dalmaticas de tela branca, e um corista com um velador de prata, e n'elle uma meza de corporaes, em que descansava a Custodia levada por um capitular.

O palio era de tela branca, guarnecido de grossos franjões d'ouro; e levavam-no oito sacerdotes com capas d'asperges.—As oito varas respectivas eram de prata.

XV.

Com este apparatus sumptuoso, percorrem em 1714 as ruas de Braga a procissão do Santissimo Sacramento :—mas não patarem só n'isto estes festejos memoraveis da capital do Minho.

O diocesano primaz D. Rodrigo de Moura Telles, um dos mais fervorosos d'esta séde no esplendor do culto, ideou pompas successivas para maior nomeada d'esta procissão.—Nem os bracarenses esperavam então menos do seu zelo festivo, desde que este seu antilite se declarara por juiz da Confraria do Senhor da sé no anno anterior.

XVI.

Em 5 de Junho, appareceu o campo dos Touros cercado de palanques, cada um com escadas proporcionadas, e fechados todos com tricheiras vistosas.—As casas que o circuntam pelos lados, davam-lhe realce magestoso.

Em hora appropriada, entraram n'este campo, chamado agora Praça Municipal, 21 cavalleiros da cidade, com 48 instrumentos de guerra e de paz, e 120 criados seus.—Vestiam todos, amos e criados, com o maximo custo de riqueza, e no mais primoroso gosto de galhardia.

Eis-aqui os nomes d'estes cavalleiros d'esta rainha do Este :

Alexandre de Paiva Marinho.—Francisco Pereira Brandão de Barbosa.—Vasco Marinho Falcão.—João de Faria Machado.—Francisco de Sousa e Castro.—Manuel Falcão Cotta.—Gabriel d'Araujo e Vasconcellos.—Filippe Jácome de Sousa.—Estevão d'Oliveira de Barros.—Antonio de Macedo Portugal.—Antonio de Magalhães de Menezes.—Miguel Pereira do Lago.—Antonio Barreto de Menezes.—Manuel Lobo de Mes-

quita.—Antonio Barreto Gavião.—Pedro Antonio de Sousa.—Diogo de Sousa de Menezes.—Marcos Malheiro Pereira Baccelar.—Manuel José Soares de Brito.—Francisco de Sousa de Menezes.—Balthasar de Brito e Sá.

XVII.

Vinham em frente 12 gaiteiros de folle e 12 tamborileiros, vestidos todos de vermelho com guarnecidos de galões de prata, e mangas pendidas á portugueza antiga com golihas.

Juncto a elles, caminhavam 6 clarins e 6 caixas de guerra, com vestidos ricos á portugueza moderna.—Após elles, seguia-se 4 atabales com 4 vacas e 4 charnellas, vestidos com capas de côr, e inuotados todos em bisarros cavallos.

XVIII.

Atraz d'estes instrumentos, seguia-se 12 criados de pé, vestidos de panno fino com chapéos de plumas; e acompanhavam

O Lago Baikal.

Este «Lago de Baikal», conhecido também com o nome de «Mar Sancto», está situado na inhospita e infeliz Siberia, proximamente da fronteira chinesa.

Eis-aqui, a este respeito, um excerpto da *Correspondencia de Coimbra*:

Recebe as aguas das montanhas Altai, e vae-as lançar no golfo de Ienisei, atravessando toda a Siberia, desde o sul para o norte.

Tem 675 kilometros de comprimento e 200 de largura.

A denominação de «Mar Sancto» vem-lhe d'um rochedo da ilha de Alkbon, por ser — na opinião dos habitantes — habitação d'uma divindade a que chamam Begidzi.

A ilha de Alkbon contém muitas fontes d'excellente agua, e produz madeiras de construcção das melhores qualidades. — E' habitada por uma tribu mongólica, que vive da cultura da terra e da criação dos gados, cujas raças aperfeiçoa com a maior intelligencia e desvelo.

O «Lago Baikal» é povoado por muitos rochedos e baixos fundos: no entanto, a sonda accusa n'elle profundidades de 300 metros: — e contam também os viajantes europeus, que ha no seio d'este mar profundidade, que a sonda ainda não pôde medir.

As suas aguas são doces, e elevam-se e abaixam-se periodicamente, como se tivessem verdadeiras marés: — e são tão puras, que permitem ver a uma grande profundidade montanhas, arvores isoladas, e verdadeiras florestas.

Contam os habitantes das terras proximas, e os visitantes d'este mar, que a vegetação assim afogada se mantém em condições magnificas d'existencia; porque as arvores, em lugar de definharem, continuam a crescer annualmente.

E' povoado de muitas especies de peixes e de phocas — o que indica ser o resto de vasto mar d'outros tempos.

A navegação é aqui muito perigosa, porque além dos escolhos a evitar, ha occasião, em que — estando o mar de leite — os navios experimentam agitações assustadoras, e capazes de os damnificarem muito.

Em occasiões de temporaes, sobem as ondas a 60 metros d'altura. Lança sobre as praias um betume, a que na localidade chamam «calatrão das montanhas». — Gela no fim de dezembro, e degela no principio de maio. — Ferve algumas vezes, e n'es-

a primeira parêlla de 2 cavalleiros, vestidos ambos com casacas de tessim e cocares de plumas nos chapéos. — Adornavam-lhes os seus cavallos os mais ricos jaezes bordados d'ouro, com galhardas e donairozas cachaceiras.

Chegados estes 2 cavalleiros diante do paço archiepiscopal, fizeram 3 cortezias ao prelado diocesano que estava á janella, e tomaram posições appropriadas.

XX.

Com igual luzimento, e equal comitiva de criados, seguiram-se umas após outras as de mais parêllas de cavalleiros, dando volta garbosa ao terreiro por todos os lados.

Feito isto, sahiram então no fim d'elle com uma escaramuça de dois fios, desfazendo-se até ficarem em um só, que depois com circulos vistosos tornaram a pôr em dois como começaram.

Repetiram por 3 vezes os cavalleiros esta escaramuça: e deixaram a final o campo, quando a ardentia do sol lhes não permitia mais dilacção no torueio.

sa occasião sentem-se rugidos subterraneos.

Apresenta ainda muitos outros phenomenos curiosos e extraordinarios, que teem sido objecto do estudo de commissões scientificas, enviadas alli pelo governo russo, a cuja nação o «Lago Baikal» pertence.

Os Irmãos Davenport.

Nas noites de 9 e 10 do corrente, deram aqui os Irmãos Davenport dois divertimentos maravilhosos no theatro de S. Geraldo.

Mostraram pericia e destreza nas sortes que fizeram — sem com tudo inebriarem aqui os espectadores com o delirio d'outras localidades.

No que vimos, e admiramos n'estas duas noites; não ha sortes, a que não quadre a explicação de *Larousse* no seu *Diccionario* monumental. — Não vimos, nem admiramos, senão exercicios d'elastério das extremidades dos dois irmãos — exercicios em verdade sobre-salientes, pelo esmero e celeridade da execução de cada um d'elles.

Recommendamos aos nossos leitores a leitura do *artigo* respectivo: e ficamos certos de que não deixarão de concordar connosco.

Combate d'Arbolancha e Monte-Abril.

Deu-se no dia 26 de Fevereiro este combate, accommettendo-se com vigor as tropas hispanholas d'ambos os compos.

Eis-aqui um excerpto da *Actualidade* a este respeito.

«Os carlistas tinham construido uma bateria contra a linha d'Arbolancha, tendo o cuidado de a encobrir. — O general Salamanca procurou inspecionar o terreno, para desmanchar os planos do inimigo: e como a bateria ficava toda a coberto dos seus fogos, mandou levantar outra junto ao Morro, em communicação telegraphica com a linha d'Arbolancha, para bater a dos carlistas.

«A's 6 horas da manhã, descobriu o inimigo a sua bateria, e rompeu o fogo com tres peças. — O general Salamanca mandou o brigadeiro Melleviola com 4 companhias d'Albuera e Saboya, que se reuniram para reforçar a linha; e deu ordem de reforçar os pontos fracos. — Marchou depois para o convento das Recoilhidas com o resto do batalhão de Saboya, e parte da força de Albuera,

ordenando então a fórma d'ataque e defeza.

«O inimigo atacou duas vezes as cascas, pelo bosque que fica á esquerda da linha d'Arbolancha, apoiado pela sua artilheria: — e foi d'ambas ellas repellido, sendo tomadas todas as suas posições pelas forças d'Albuera e Saboya, apesar da sua inferioridade numerica.

«Sendo os carlistas reforçados com dois batalhões que baixaram por Sancta Marinha, teve elle então d'abandonar as posições, que de novo foram tomadas pela tropa, reforçada por sua vez por uma companhia da reserva de Zamora, e duas do regimento de Saboya: — e terminou então o combate pela retirada do inimigo.

«Antes d'anoitecer, não sendo prudente conservar as posições, ordenou o general que as forças se reunissem — operação que se verificou, sem que o inimigo ousasse hostilizar as tropas liberaes.

«As trincheiras do inimigo foram em seguida desmoronadas: mas, tendo os carlistas recebido um reforço d'um batalhão, travou-se uma luta á bayoneta, na qual os liberaes tiveram que ceder: no entanto, essas duas companhias incompletas tão valentemente luctaram, que tiveram 1 capitão morto e 5 officiaes, e 70 guardas feridos.

«N'essa occasião, chegou uma valente companhia de Saboya, que dominou a posição pelo lado do bosque, salvando os liberaes de perdas mais consideraveis, e dando logar a que assim coadjuvados conservassem a posição da avançada do Monte-Abril.

«As baixas dos liberaes consistem em alguns mortos, e uns 100 feridos, contando-se entre elles 8 officiaes. — As dos carlistas devem ter sido muito mais consideraveis; por que retiraram do campo numerosos mortos e feridos.

«As forças que n'esta acção entraram em fogo, foram 4 companhias do regimento d'Albuera, 10 de Laboga, 2 incompletas de *foraes*, e 1 do provincial de Zamora.

«O brigadeiro Medeviola dirigiu o ataque com grande vigor e bisarria. As forças de Saboya, Albuera e os *foraes* portaram-se com denodo.

«Os carlistas bateram-se bem: e, coisa rara, muitas vezes a peito descoberto. — Não ha porem que extranhar, attenta a superioridade do seu numero; porque se diz que eram 6 batalhões, 3 biscainhos, 2 alavezes e 1 navarro.

«A artilheria de campanha, recentemente organizada pelo activo ge-

neral Salamanca, com artilheiros de pé e mulas das bagagens, fez excellentes serviço: e teve 1 morto e 4 feridos, entre 22 homens que contava.

Os carlistas não podem dizer que ganharam a victoria; porque foram os primeiros a retirar-se com a sua artilheria».

O Jogo.

Temos recebido por vezes, pelo correio d'esta cidade, informações minuciosas do incremento que o vicio do jogo está tendo, sem que se tomem contra elle as providencias da lei.

Esperamos que não será necessario descermos a individuar este assumpto.

Parlamento.

Na camara dos deputados, foi approvedo com unanimidade o Projecto dos caminhos de ferro da Beira na generalidade, após as declarações dos srs. Braamcamp e Francisco Mendes.

Na discussão do Art. 1.º, ficou com a palavra o sr. Luiz de Campos, que propoz que se desse a preferencia á Beira-Alta, aos pontos forçados de Sancta Comba e Gelorico, principian-do-se entre Mogofores e Coimbra, propondo também a via reduzida para o Algarve, e que tudo seja feito por administração do governo.

Estão inscriptos para fallar muitos deputados.

Foi approvedo o Parecer da commissão de fazenda sobre as emendas á prorrogação do prazo de registro de fóros.

Publicações Litterarias.

Recebemos as publicações litterarias seguintes:

«Os Bancos em Portugal em 1875: — reflexões sobre o rapido augmento do numero das instituições bancárias, e breve exame d'estas instituições no fim do anno de 1874. — Por José Joaquim Pinto Coelho. — Livraria Internacional de Chardron, Porto e Braga, 1875, 1 opusculo em 8.º gr.

«Obras Poeticas de Bocage, Porto — imprensa Portuguesa, Editora — 1875, 1 vol. em 8.º

E' o volume 2.º das obras d'este nosso poeta, nascido na antiga villa e nova cidade de Setubal — em 15 de Setembro de 1765 — e não em outras datas que geralmente lhe são assignadas.

Antonio de Sousa e Castro, de Melgaço. — José Maria Pereira e Castro, da Barca. — Gonçalo Coelho d'Araujo, de Ponte do Lima. — João Filippe Pereira de Castro, de Villa-nova da Cerveira.

Diogo de Sousa de Menezes, dos Arcos. — Luiz Brandão de Mello, do Porto. — Pedro Lopes Calheiros, de Ponte do Lima. — Manuel da Silva Pereira, de Vianna.

XXII.

Entraram estes nobres no terreiro, precedidos de tymbales e clarins, rompendo logo o campo com uma escaramuça vistosa de quatro fios, effectuada com todo o rigor da cavallaria.

No fim d'ella jogaram então contoadas com destreza e bisarria, simulando ao vivo um choque verdadeiro, e dando assim remate aos festejos esplendidos do dia.

(Continúa).

PEREIRA-CALDAS.

XX.

Ao declinar o sol, na tarde do mesmo dia, entraram de novo os mesmos cavalleiros no campo: e jogaram então alcanzias com toda a destreza e bisarria.

As alcanzias eram de barro mal cosido, e cheias de flores no interior: — e quando qualquer d'ellas topava com uma adarga, era vistoso o espalhar das flores nos ares.

Findo este folguedo galhardo, acabaram os fidalgos bracarenses com uma escaramuça como de manhan: — e deram então logar aos fidalgos da provincia, para também fazerem de mascarilha o seu festejo luzido, em honra do venerando juiz da provincia.

XXI.

Eram 32 estes nobres do Minho, todos montados em cavallos possantes e vistosos.

Eis-aqui os nomes d'estes cavalleiros, conforme os grupos de cada uns d'elles:

Francisco Pereira de Castro, da Barca. — João da Costa Ferreira, de Vianna. —

Luiz d'Araujo e Asevedo, dos Arcos. — Francisco de Sá de Miranda, de S. João de Rei.

Francisco Pinto Correa, de Vianna. — Manuel Alvares de Magalhães, de Basto. — Fernando Lobo Souto-maior, de Vianna. — Sebastião Pinto Barbosa e Araujo, d'esta mesma antiga villa e nova cidade.

D. Antonio Mauricio de Sousa, de Ponte do Lima. — Rosendo d'Abreu Leite Pereira, de Basto. — Pedro da Rocha Pitta, de Caminha. — Manuel Nunes Leitão d'Albuquerque, de Lisboa.

Belchior Barbosa Soares de Castro, de Monção. — João da Rocha e Brito, dos Arcos. — João Velho Barreto, de Ponte do Lima. — Francisco d'Araujo e Vasconcellos, da Barca.

Paulo Pereira do Lago, da mesma villa da Barca. — Francisco Correa de Lacerda, de Farelães. — Sebastião Pereira da Cunha, de Coura. — D. Lourenço Manuel de Morim, de Ponte do Lima.

Gonçalo Pereira Lobato e Sousa, de Monção. — Affonso Pereira de Castro, dos Arcos. — Gonçalo Affonso Pereira de Mello, de Barbeita. — Antonio Pereira d'Araujo, de Valença.

Forma este volume 2.º o brinde n.º 12 da Bibliotheca da Actualidade, um dos jornaes de maior nomeada entre nós.

Agradecemos cordialmente estas duas offeras.

Dois Padres.

Fallamos ultimamente n'esta folha, á cerca de «dois Padres exemplares», que no recinto do templo se haviam soccado em Lamego.

Como complemento do que então dissemos, transcrevemos a este respeito o seguinte excerpto, que tomamos do n.º 126 da «Lucta»:

Lamego 4 de Março.

Segundo promettemos, e informados por pessoas fidedignas, vamos dar mais luz ao acontecido, ha dias, na sacristia da Sé de Lamego.

Consta o seguinte: Os dois individuos a que nos referimos, destinavam algumas horas do dia a estudos serios, mas o que mais os distrahia das lides abbaciaes era a zoologia. Bonito estudo, na verdade, e que ensina ao homem a conhecer-se phisicamente e a conhecer tambem os outros animaes que volitam em torno d'elle. Estudaram de commun accordo por muito tempo, sem que entre os dois confrades houvesse coisa que annuissasse o precioso horisonte que a seus olhos começava a desenrolar a sciencia; mas um bello dia viram-se na dura necessidade de questionarem sobre um ponto de insectologia. O pómo da discordia atirado pelo acaso á meza d'estudo de ss. rev. mar. foi o persevejo!... Já o dissemos e repetimol-o.

Este animal estava destinado a operar uma mudança bastante notavel nos costumes puros e sem mancha dos dois irmãos. Um teimava que de inverno era impossivel encontrar-se um persevejo; o outro affirmava que tinha visto — um — no mez de Janeiro, e até na propria casa do collega.

A's palavras suaves e persuasivas succederam-se as apostas, os berros e a furia dos dois estudiosos. O primeiro, munido d'um castiçal (porque era de noite), correu os quatro cantos da sala do estudo; foi á cozinha, á carvoeira e não sabemos se foi a mais alguma parte, mas nada encontrou que confirmasse a affirmativa do adversario. Recomeçou no dia immediato as suas buscas, continuou nos seguintes, até que uma bella tarde descobriu o pobre insecto.

D. Quichote, ao encarar com os odres em casa do estalajadeiro, não se armou de tão altiva sanha, como o desditoso naturalista ao encarar de perto com o seu... espectro!... Endireitou o corpo, vergado pelo jejum e pelos cilícios, arregalou os olhos, e quando, de castiçal em punho, se dispunha a distillar um pingo de cebo no dorso do bruto, eis que de repente desaparece... por um buraco da parede.

D'ahi, desespero no reverendo, enjões, dôres de cabeça, e pela noite velha, sonhos, pezadellos, em que via milhões de persevejos desfilar, como exercito em parada, n'um passo grave, temeroso e impavido, por cima do seu mimoso e impolluto corpo.

Acordou o padre com dôr de barriga, apalpo-se, vestiu-se e foi direito ao quarto do seu Pylades, dizendo-lhe que já não era Orestes e que tratasse de mudar de casa.

O outro cumpriu, mas no dia immediato, na sacristia da Sé, houve coisas do arco da velha. O povo que assistia á missa correu ao logar do espectáculo, e... d'aqui o escandalo e os commentarios.

FASTOS HISTÓRICOS MODERNOS.

Mez de Março.

Dia 3. — Nascimento n'este dia, em 1768, do mathematico italiano Brunacci, fallecido em 16 de Junho de 1818. — Entre os escriptos que nos deixara, sobre-sa-hem dois — o seu *Corso di matematica sublime*, e o seu *Calcolo delle equazioni lineari*.

— Chegada de D. Pedro IV — o Godofredo da cruzada da liberdade e do progresso contra o miguelsmo — á ilha Terceira nos Açores n'este dia, em 1832, assumindo então a regencia do reino em nome de sua augusta filha D. Maria II.

— Elevação n'este dia, em 1847, do valor das nossas peças d'ouro de 4 oitavas, passando da importancia de 78500 reis a 85000 rs.

— Abandonamento da França pelo rei Luiz Philippe, embarcando-se disfarçado e a custo, em 1848 n'este dia.

Dia 4. — Demissão do marquez do Pomal, n'este dia em 1777, de todos os seus cargos e emprégos, a que elle desde então dá de mão.

— Fallecimento n'este dia, em 1822, do physico-mathematico italiano Racagni, oriundo de Torrazza-Coste em Voghera. — Entre os seus escriptos, é estimavel a obra — *Sui prodotti che sono funzioni simili di una stessa quantità che varia per una differenza costante*.

— Attaque simulado dos miguelistas sitiadores do Porto, sobre os pontos de Paranhos, Cruz das Regateiras e Contumil, em 1833 n'este dia, com o fim de fazerem contra os liberaes um reconhecimento em força, na «phrase official» do conde de S. Lourenço. — Tanto no attaque verdadeiro, como no simulado, empregaram os miguelistas 16:000 homens pelo menos: — e custou-lhes caro o intento d'esse dia, em ambas as margens do rio Douro, sem que os liberaes deixassem de ter tambem perdas lamentaveis.

— Tomada de Puertollano em Hispanha, em 1838 n'este dia, com renome do brigadeiro carlista Garcia — um dos cabecilhas de nomeada inferior na guerra dos septe annos.

Dia 5. — Evacuação das linhas de Lisboa, n'este dia em 1811, com desprestigio do nome de Massena, general invasor do nosso reino á voz de Napoleão Buonaparte, e cognominado entre os seus com o epitho d'anjo da victoria.

— Batalha de Bázorro, com denodo do exercito peninsular, em 1814 n'este dia.

— Compra do palacio de Chambord por subscrição dos legitimistas francezes, n'este dia em 1821, com o fim de o offererem ao duque de Bordeus Henrique V — que por esse motivo assumira desde então o titulo de conde de Chambord.

— Dissolução da corporação das irmandades da Chacidade de Sancta Martha de Lisboa, em 1861 n'este dia: — mandando-se incorporar os seus bens nos «propios nacionaes», em consequencia da mesma corporação se recusar a obedecer então ao prelado diocesano.

Dia 6. — Terremoto memoravel em Villanova de Portimão no Algarve, um quarto d'hora antes do nascer do sol, em 1719 n'este dia.

— Nomeação da regencia do reino em nome do rei D. João VI, n'este dia em 1826, na pessoa da Infanta D. Isabel Maria: — assim em quanto durasse a doença do monarca decretante, como em quanto o legitimo herdeiro, successor da coroa, não desse providencias a este respeito, no caso de morte do mesmo rei D. João VI.

— Execução em Lisboa, em 1829 n'este dia, de 5 martyres da liberdade e do progresso, em continuação do «morticínio official» de 27 do Fevereiro anterior, e como vindicta da tentativa mallograda de 9 de Janeiro do mesmo anno contra o usurpador tyranno D. Miguel I — tentativa iniciada pelas 8 horas da noite pelo brigadeiro Alexandre Moreira no quartel da brigada real de marinha.

— Affundamento do bergantim de guerra dos liberaes Rio-Ave, conhecido ainda com o nome de Vinte-e-tres de Julho, n'este dia em 1833 — mettendo-o a pique os miguelistas da bateria do Caudal, por imprevidencia culpavel dos ministros da guerra e da marinha de D. Pedro IV no Porto.

Dia 7. — Criação em Lisboa n'este dia, em 1761, do Collegio real dos nobres.

— Chegada ao Rio de Janeiro n'este dia,

em 1808, da familia real portugueza — escapando-se assim ao exercito invasor de Portugal á voz de Napoleão Buonaparte.

— Tiroteio energico dos miguelistas sitiadores do Porto, em 1833 n'este dia, assim contra a cidade, como contra o ex-convento da serra do Pilar.

— Incendio n'este dia, em 1872, do asylo evangelico d'orphãos, denominado Cella de Luthero, com perdas bibliographicas lamentaveis.

Dia 8. — Galardão d'el-rei D. João V n'este dia, em 1718, a D. Maria Ursula d'Abreu e Lencastre, natural do Rio de Janeiro, em virtude d'haver deixado aos 18 annos a casa de seus paes, com o fim de servir a nação como soldado: — o que levára a effeito por espaço de 12 annos, 8 mezes e 13 dias, batendo-se na India com denodo e coragem, com o nome de Balthasar do Crato Cardoso.

— Dissolução das nossas camaras legislativas de 1826, n'este dia em 1828, pelo usurpador tyranno de Portugal D. Miguel I.

— Publicação n'este dia, em 1836, do decreto definitivo da suppressão dos institutos religiosos na Hispanha.

— Revolta em Coimbra contra o ministerio, em 1844 n'este dia.

EXTERIOR.

A «Gaceta» de Madrid, não publica nenhum decreto, nem dá noticias especiaes do theatro da guerra.

Augmentam em Paris as difficuldades para a formação do novo gabinete. — Assegura-se que Buffet declinára a missão de formar ministerio.

A esquerda addiou a projectada interpellação, resolvendo esperar mais um dia.

Audiffret Pasquier aceitará a pasta do interior.

Na assemblea, começou a discussão da terceira deliberação do projecto sobre os quadros do exercito. — A discussão continúa. — Não houve nenhum incidente.

Conforme as ultimas noticias continuam as negociações para organização do ministerio. — A escolha do ministro do interior tem occasião de difficuldades.

A esquerda reclama nova pasta, se a do interior for dada ao centro direito. Bocher e Audiffret recusaram-se definitivamente a este respeito.

Falleceu em Londres o general Sir Hope Grant.

NOTICIARIO.

Hoje, 12 do corrente, expoem-se o Sacramento em S. Pedro de Maximinos, com «Laudes» em grande instrumental.

Amanhan á noite, 13, quando fôr conduzida a Imagem do Bom Jesus dos Passos para a igreja das Ursulinas desde a igreja de Sancta Cruz, haverá «Miserere» em grande instrumental no Paço do Largo de S. Tiago, promovido a expensas d'alguns devotos, se o tempo lho permittir.

No domingo, 14, expoem-se o Sacramento na igreja do hospital de S. João Marcos.

Terá lugar no mesmo dia a Proccissão dos Passos na fórma dos annos anteriores.

Na terça feira, 16, expoem-se o Sacramento na igreja de S. Victor, havendo Matinas em grande instrumental.

Na quinta feira, 18, expoem-se o Sacramento na igreja dos extinctos Congregados.

Terão lugar n'este mesmo dia as Vesperas de festa da Senhora das Dores: e no dia 19, haverá alli missa cantada com acompanhamento de grande instrumental, tendo lugar de tarde o sermão do costume.

O nosso artigo principal, é do illustrado collaborador da *Tribuna* o sr. Ribeiro Golçalves.

No dia 8 do corrente, recebeu-se o exm.º Joaquim Augusto de Carvalho Braga com uma sua sobrinha, filha do exm.º commendador João Antonio d'Oliveira Braga. — O noivo é um grande capitalista.

Embora algum fosse ameaçado, se n'esta folha se fallasse do jôgo n'esta cidade; vai no logar competente a prova do nenhum medo da ameaça — prova que tornaremos explicita com indicações minuciosas, se não virmos providencias contra o caso.

Annuncia-se a publicação d'um novo semanario democratico. — Tem por titulo *A Revolução*, e por director o sr. Boaventura da Costa.

Conterá escriptos de politica e litteratura, com a revista das occorrencias da semana.

Organisou-se em Villa-Real, capital de Tras-os-montes, uma empreza exploradora d'aguas. — Tem por fim aproveitar as aguas da serra de Paredes, na freguezia d'Adoufe, com o intuito d'abastecerem a villa, regarem os predios do transito das aguas, e crearem motores industriaes.

A producção de laranja no districto de Vianna, durante o anno findo, foi de 7107 milheiro: — e a producção de limão, de 628.

A exportação para o estrangeiro, durante o mesmo anno, foi de 3605 milhaes.

No rio Niágara na America, um pouco abaixo da sua cataracta memoravel, formou-se nos ultimos tempos uma ponte de gelo, de que se calcula a duração até á primavera.

O novo ministro da Hispanha em Lisboa o exm.º Estevão Collantes, foi o proprietario e director do *Eco de la España*. — Foi deputado da nação em todas as legislaturas desde a revolução de Setembro, e um dos defensores calorosos da dynastia affonsista.

A *Tribuna do Pará*, periodico deshonrador da imprensa jornalística, não cessa d'insultar os nossos compatricios alli residentes, nem de vociferar desbragadamente contra o nosso paiz.

Para este escripto degradante — sem qualificação deshonrosa ainda na linguagem mais desbragada — é Portugal «um pobre burro, decrepito e moribundo, que nem pôde abanar sequer as orelhas, nem arrastar os pés com o pézo das ferraduras!!!»

Na Prussia, tem sido combatida com bom resultado a molestia das vinhas, conhecida usualmente com o nome de *phylloxera vastatrix*.

Durante o ultimo trimestre do anno de 1874, consumiram-se nos açougues de Paris 1740 cavallos, 6 machos, e 127 jumentos. — Foi de 338:098 kilos o pézo da carne d'estes animaes, afóra as cabeças, os figados, e os corações.

N'estes ultimos tempos, houve um cyclone em S. Miguel, ilha importante dos Açores, a 2.ª do archipelago na ordem dec olonisação. — Foram enorimes os prejuizos d'este cyclone.

AGRADECIMENTOS.

Os abaixo assignados não lhes sendo possível agradecer pessoalmente a todos os Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. e Senhoras que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua sempre chorada filha, irman, e prima D. Thereza Maria de Jesus Rocha, bem como aos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Srs. que lhes fizeram a honra d'assistir aos officios de sepultura, que tiveram logar no dia 22 do proximo passado Fevereiro, o fazem por este meio, protestando a todos seu indelevel reconhecimento e gratidão.

Joaquim José Marques da Rocha.
Anna Maria de Jesus Rocha.
Rozza Maria da Conceição Rocha.
Bento Lourenço da Conceição.
(91)

João Pereira Henriques de Carvalho, Maria dos Remedios Pereira Henriques de Carvalho, Mequelina Pereira Henriques de Carvalho, Guilhermina Pereira Henriques de Carvalho, Adelaide Pereira Henriques de Carvalho, e Domingos Antonio Pinto dos Reis Barreto, manos e cunhado do fallecido José Pereira Henriques de Carvalho, capitão que foi d'infanteria na disponibilidade; sumamente penhorados para com os ill.^{mos} e exc.^{mos} srs., entrando n'este numero a distincta corporação do regimento 8 d'infanteria, officiaes reformados, o respeitavel clero, que alem de o terem visitado durante a sua enfermidade, honraram assistir ao seu funeral no real templo de Sancta Cruz, e descer á sepultura no cemiterio publico no dia 3 do corrente. Ao ill.^{mo} e exc.^{mo} sr. commissario dos estudos d'este Lyceu Nacional e illustre professorado em geral, assim como os nobres academicos do lyceu bracarense. A's ill.^{mas} e exc.^{mas} sr.^{as} que se dignaram com os seus cumprimentos de pezames, e ao meu particular amigo o ill.^{mo} e rev.^{mo} Luiz Gomes da Silva, sempre incansavel, muito principalmente nas aproximações dos paroxismos da morte, nunca desamparou o leito da dôr, conservando-se varias noites n'esta sua casa; vão por este modo agradecer e protestar seu profundo reconhecimento, em quanto o não pôdem fazer pessoalmente.

(93)

ANNUNCIOS.

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA BANCO COMMERCIAL DE COIMBRA.

São avisados os srs. accionistas d'este Banco a satisfazerem a 5.^a prestação de 10 % ou 5\$000 reis por acção desde o dia 11 até 20 do corrente e das 11 horas da manhã ás 3 da tarde, em COIMBRA, na sede do Banco, no PORTO, LISBOA e em BRAGA, nas agencias do mesmo Banco.

As disposições dos artigos 21.^o e 22.^o dos estatutos vigoram desde já para aquelle dos accionistas que esteja em atrazo nas suas prestações; as regalias concedidas pelo artigo 12.^o continuam a subsistir. Os accionistas que ainda não tiverem os estatutos do Banco servir-se-hão pedil-os aos agentes nas diversas localidades.

Coimbra, 5 de Março de 1875.

Os gerentes,
Manuel dos Santos Junior.
José Barbosa Lima.
J. Melchades Ferreira Santos.

(92)

ALMANACH BUROCRATICO

Geral, Districtal e Concelho

PARA O ANNO DE 1875.

COORDENADO POR ARISTIDES ABRANCHES

Contém os nomes e moradas de todas as pessoas, que no paiz exercem funções publicas e profissões particulares.

Em relação especial ao districto de Braga, contém esta obra, quanto ao seu assumpto diz respeito aos concelhos d'Amares, Barcellos, Braga, Cabeceiras, Celorico, Espozende, Fafe, Famalicão, Guimarães, Lanhoso, Terras de Bouro, Vieira, e Villa-Verde.

Eis-aqui — para exemplo — o que diz respeito ao concelho de Braga.

Concelho de Braga.

Administração do concelho, Dita judicial, Advogados, Agencia do Banco de Guimarães, Arcebispado, Assembleia Bracarense, Associação commercial, Associação commercial de beneficencia, Asylo da infancia desvalida de D. Pedro V, Asylo de S. José, Banco commercial, Banco do Minho, Bibliotheca publica, Cabido, Camara ecclesiastica, Camara municipal, Collegio de S. Caetano, Collegio do Espirito Sancto, Collegio de N. S. da Guia, Collegio da regeneração, Companhia de illuminação a gaz, Commissão de viação municipal, Confraria do Bom Jesus do Monte, Conselho de districto, Conservatorio do Menino Deus da Tamanca, Correio, Direcção d'obras publicas, Estação telegraphica, Facultativos, Governo civil, Hospedarias, Hospital de Sancta Cruz, Hospital de S. Marcos, Hoteis, Intendencia da pecuaria, Irmandade de Sancta Cruz, Irmandade de S. Vicente Martyr, Junta geral do districto, Legacia apostolica, Lyceu nacional, Misericordia, Monte-pio de S. José, Ordem Terceira de S. Francisco, Parochos, Pharmaceuticos, Procuradores, Professores, Recolhimento de Sancto Antonio das Beatas, Dito de S. Domingos da Tamanca, Dito de S. Gonçalo, Dito da SS. Trindade, Regimento d'infanteria n.^o 8, Relação ecclesiastica, Repartição districtal d'obras publicas, Repartição de fazenda do Concelho, Dita do districto, Saude publica, Seminario de S. Pedro, Sociedade democratica recreativa, Tabelliães, Recebedoria.

São correspondentes da Empresa n'este Districto, e podem satisfazer qualquer requisição d'exemplares, em Braga, o sr. Luiz Duarte — Barcellos, o sr. Thomaz do Amaral — Guimarães, o sr. Manuel José d'Oliveira, Villa Nova de Famalicão, o sr. Domingos Ferreira Antunes.

A empresa editora d'esta obra é a firma Carvalho & Companhia, com escriptorio na Rua Larga de S. Roque em Lisboa, 100, 1.^o, Lisboa.

ARITHMETICA COMMERCIAL

OU

Tractado completo d'Arithmetica pura e applicada ao commercio, aos bancos, ás finanças, e á industria.

POR

JOSE NICOLAU RAPOSO BOTELHO, E ANTONIO DA SILVA DIAS.

CONTENDO :

Arithmetica pura — Noções preliminares — Numeração — Adição — Subtração — Multiplicação — Divisão — Breves noções de potencias e raizes — Divisibilidade — Quebrados — Decimaes — Calculo mental — Erros e operações abreviadas — Equações numericas — Razões e proporções — Calculo por logarithmos.

Arithmetica applicada — Systema metrico decimal (com tabellas) — Complexos — Regra de tres — Regra de companhia — Percentagens — Juros simples — Desconto (por fóra e por dentro) — Prazo medio — Regra conjuncta (com tabellas) — Cambio (com tabellas) — Regra de liga e mistura — Regra de falsa posição — Juros compostos (com tabellas) — Amortisação (com tabellas) — Divida publica — Acções de companhias — Obrigações — Rendas perpetuas e seguros de vidas.

Um grosso volume, de mais de 500 paginas, á venda nas Livrarias de Chardron no Porto e em Braga.

LIVROS

ANTIGOS, RAROS E CURIOSOS.

A' venda na Livraria Chardron em Braga.

Epitome de las historias portuguezas, por Manuel de Faria y Sousa, 1677, 1 vol. f.^o, enc., 2\$500 rs.

Demonstracion evangelica y destierro de Ignorancias Judaicas, por el Padre Fray Luiz de la Presentacion, 1631, 1 vol. f.^o, enc., 1\$200 rs.

Historiae Italicæ, auctor Fr. Guicciardini, 1566, 1 vol. f.^o, enc., 2\$000 rs.

O Seculo 19 explicado á vista da Biblia, por Gorjão da Cunha, 1824, 1 vol. 4.^o, enc., 360 rs.

O Condestabre de Portugal D. Nunalvres Pereira, por F. Roiz Lobo, 1627, 1 vol. 4.^o, enc., 2\$000 rs.

Biblia Sacra, 1618, 1 vol. f.^o, enc., 1\$000 rs.
Funiculo Aureo, tuplice indisoluble, el muy alto y poderoso Señor Rey de Portugal, por D. Francisco Muñoz, 1727, 1 vol. 4.^o, enc., 800 rs.

Corographia portugueza, e descripção topographica do famoso reino de Portugal, pelo Padre Carvalho, 1.^a edição, 3 vol. f.^o, enc., 12\$000 rs.

Monarchia Indiana, por Juan de Torquemada, 1723, 3 vol. f.^o, enc., 8\$000 rs.

Chronica de Cister, composta por Fr. Bernardo de Brito, 1.^a edição, 1602, f.^o, 6\$000 rs.

Chronica do muito alto e muito esclarecido príncipe D. Sebastião, composta por D. Manuel de Menezes, 1730, 1 vol. f.^o, enc., 4\$000 rs.

Justino Lusitano em traducção de Justino da lingua latina para a portugueza, por Troillo de Vasconcellos da Cunha, 1726, 1 vol. fol., enc., 1\$500 rs.

Historia da vida do veneravel irmão Pedro de Basto, ordenado por Fernão de Queiroz, 1689, 1 vol. f.^o, enc., 3\$500 rs.

Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua portugueza, pelo Dr. Frei Domingos Vieira.

Está á venda a caderneta 125 (Sutta). — O 5 e ultimo volume estará prompto fim de Fevereiro.

| | | |
|------------------------|------|--------|
| 1. ^o volume | A-B. | 4\$500 |
| 2. ^o " | C-D. | 4\$500 |
| 3. ^o " | E-L. | 5\$500 |
| 4. ^o " | M-P. | 4\$000 |
| 5. ^o " | Q-Z. | 4\$000 |

Ainda se recebem assignaturas na Livraria Internacional de Chardron, em Braga e no Porto.

ERNESTO CHARDRON—EDITOR

MANUAL D'ARBORICULTURA

Tractado theoretico e practico da cultura e exploração das arvores fructiferas, por Alexandre de Sousa Figueiredo, professor d'agricultura e agronomo do Districto de Faro.

Um volume em 8.^o de mais de 400 paginas, com 100 gravuras intercaladas no texto, dividido em cinco cadernetas a 300 reis.

Summario das Materias :

INTRODUÇÃO, ESTUDOS PRELIMINARES.

1.—Anatomia das plantas: orgãos de conservação e de reprodução; raizes, caule, folhas, gemmas, olhos, botões, flores, fructos e sementes.

2.—Physiologia das plantas: fecundação, germinação, nutrição, crescimento, fructificação, reprodução e duração das plantas.

3.—Agentes naturais da vegetação: a terra, a agua, o ar, a luz e o calor.

4.—Multiplicação das plantas, sementeiras, estacas, mergulhias, enxertos, alibres e viveiros.

5.—Plantação das arvores, escolha e preparação do terreno, correctivos, adubos e regas.

6.—Formação das arvores: tronco, ramos, ramusclos, ramos foliares, fructiferos, bastardos e ladrões.

7.—Podas: principios fundamentaes, podas de formação, de limpeza, de fructificação, decotes, decepagens e rolagens, poda das raizes, podas vivas, cegagens espoldras, expontas, entalhes, incisões, empas e torsões.

8.—Enxertias: principios fundamentaes, garfos, coroas, borbulhas, encostos, enxertos, estacas, herbaceos, de raiz e outras condições de bom exito, resguardos.

9.—Armação das arvores, copa alta, mediana e baixa, pyramides, palmetas, legues, vasos, cordões, latadas e parreiras.

10.—Restauração das arvores velhas ou mal tractadas, enfermidades, inimigos aulmaes e vegetaes, aperfeiçoamento das castas, selecção, e hybridação.

11.—Estabelecimento de pomares e vergeis, plantações em linhas e bordaduras, plantação á beira das estradas.

12.—Abrigos, estufas, sebes e cercas.

13.—Cultura da vinha: para vinho, para fructo, em linhas, cordões, parreiras, latadas e de enforcado, Uvas para vinho e para meza, apreciação das castas mais notaveis, doenças e tractamento.

14.—A Oliveira, variedades, para azeite, para fructo, cultura e tractamento.

15.—Laranja, limoeiro, tangerineira, variedades, cultura, e tractamento, enfermidades e inimigos.

16.—Macieira, perêira, marmeleiro, variedades, etc.

17.—Figueira, variedades, cultura.

18.—Arendoeira, pecegueiro, ameixeira, cerejeira, aveleira, variedades, cultura.

19.—Nogueira, castanheiro, azinheiro, sovereiro, alfarrobeira.

20.—Amoreira.

21.—Plantas fructiferas herbaceas, melão, melancia, morangueiro.

22.—Colheita, guarda e transporte dos fructos.

23.—Conservação dos fructos em fresco e em secco, acondicionamento dos fructos para embarque.

24.—Commercio de fructos, considerações economicas, custo e rendimento das principaes culturas fructiferas.